

RECEITA DE MÉDICO



Informação na dose certa

O consumo de bebidas alcoólicas é um fator de risco importante para o desenvolvimento de vários tipos de câncer, com evidências sólidas de sua associação com os de mama, colorretal, fígado, boca, garganta e esôfago. Em um contexto no qual vemos a crescente incidência de câncer em pessoas abaixo dos 50 anos, é preocupante termos uma nova geração ainda vivenciando o consumo excessivo de álcool, pois isso poderá implicar em ainda mais ocorrências. O Sistema de Vigilância

de Fatores de Risco e Proteção para Doenças Crônicas por Inquérito Telefônico (Vigitel 2023) levantou o percentual de homens que relataram, no último mês antes da entrevista, terem ingerido cinco ou mais doses de bebida alcoólica em uma mesma ocasião. O pior cenário foi observado em Salvador, na Bahia, na qual esse consumo excessivo ocorreu com 37% dos entrevistados. Na média nacional, por sua vez, esse volume de consumo foi relatado por 21,4% dos jovens de 18 a 24 anos e por 29,8% daqueles na faixa de 25 a 34 anos. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), quase 4% dos cânceres diagnosticados no mundo podem ser atribuídos ao consumo de álcool. Isso ocorre pelo fato de as bebidas alcoólicas conterem etanol, um conhecido agente cancerígeno. Ele pode, por exemplo, aumentar o estrogênio no corpo, o que eleva o risco de câncer de mama. A sua degradação no organismo também pode criar altos níveis de acetaldéido, que pode danificar o DNA. Considerando que o risco de câncer cresce com a quantidade de etanol consumido, todas as bebidas alcoólicas trazem risco. Porém, a sensibilização do público para esse risco é menor do que para outros agentes cancerígenos. Uma pesquisa recente desco-

bruiu que 93% dos publicados EUA estava ciente do risco de câncer associado ao tabaco, em comparação com apenas 39% para o álcool. Outro estudo, publicado em outubro na revista científica *Preventive Medicine*, mostrou o quanto os alertas nas mídias sociais do risco de câncer por conta do consumo de álcool são escassos. Com foco no Twitter, agora chamado X, os autores filtraram conteúdo pelas hashtags #breastcancer, #coloncancer, #esophagealcancer, #livercancer e #oralcancer (respectivamente, câncer de mama, esôfago, fígado e boca) para identificar tuítes que mencionassem o uso de álcool como um fator de risco modificável. No período contemplado, de janeiro de 2019 a dezembro de 2021, foram levantados mais de 1 milhão de posts elegíveis para análise. O processo de busca automática usando um dicionário programado identificou um pequeno número de mensagens sobre câncer que também mencionavam álcool: apenas 0,8% dos casos, um número que ficou ainda menor após ajuste, feito

por humano/não automático, do dicionário: caiu para 0,5%. Isso significa que o álcool foi apontado como fator de risco para câncer em apenas uma a cada 200 mensagens. Além disso, o estudo também aponta que quando os tuítes relacionados ao câncer também mencionavam o álcool, 82% deles afirmavam que, de fato, o consumo era um fator de risco para desenvolvimento de tumores. A codificação encontrou casos raros de informações problemáticas, incluindo promoção de álcool ou desinformação nas mensagens sobre essa associação. Chamo a atenção para a conclusão trazida pelos autores. Segundo eles, poucas mensagens nas redes sociais sobre tipos de câncer que podem estar relacionado ao álcool mencionam a substância como fator de risco. Afirmam também que se os comunicadores de saúde pública e outros agentes responsáveis pelo controle da carga global de câncer quiserem aumentar o conhecimento e a compreensão da população sobre consumo de álcool como um fator de risco, serão necessários esforços nas redes sociais e através de outras plataformas de comunicação para aumentar a exposição a esta informação ao longo do tempo. De fato, precisamos dar a informação na dose certa.

Brasil já tem três UFs em emergência por alta de dengue

DF foi a última gestão a emitir alerta para doença após aumento de quase 650% nos casos, antecedido por AC e MG

BERNARDO YONESHIGUE
bernardo.yoneshigue@globo.com.br

Com o anúncio do Distrito Federal nesta semana, ao menos três estados brasileiros já decretaram emergência devido ao avanço da dengue. Além do DF, Acre e Minas Gerais também estão em alerta pela alta da doença. Em hospitais da Rede D'Or pelo país, por exemplo, os casos da doença dispararam 307% neste janeiro em relação ao mesmo período do ano passado. O status de emergência, de acordo com definição do Ministério da Saúde, é "o emprego urgente de medidas de prevenção, de controle e de contenção de riscos, de danos e de agravos à saúde pública em situações que podem ser epidemiológicas (surto e epidemias), de desastres, ou de desassistência à população". É uma medida considerada pelos estados principalmente por diminuir burocracias e permitir uma maior agilidade nas ações volta-

das a conter os casos de uma doença. Ano passado, por exemplo, ao menos seis estados decretaram o status de emergência para conter a alta de síndromes respiratórias entre crianças. Segundo o Governo do Distrito Federal (GDF), a decisão de instaurar a emergência pela dengue foi tomada depois de registrar 16.079 casos prováveis do dia 1º ao 20 deste mês, um aumento de 646,5% em relação ao mesmo período de 2023. "O texto autoriza o governo a tomar as medidas administrativas necessárias para conter a doença, em especial aquisição de insumos e materiais e contratação de serviços", diz o GDF em nota. Na última terça-feira, o secretário de Estado de Saúde de Minas Gerais, Fábio Bacchetti, anunciou que iria decretar emergência após o estado ter registrado 32.316 casos prováveis da doença até o dia 22. Ele não esclareceu em quanto foi o aumento em relação a 2023. — Pela primeira vez, Minas vai viver o segundo ano



Em risco. Larvas do mosquito *Aedes aegypti*, transmissor da dengue. Rede D'Or registrou aumento de 307% nos diagnósticos da doença até o dia 20 de janeiro

consecutivo epidêmico para dengue e chikungunya. Por isso, ações imediatas estão sendo tomadas, especialmente o decreto de emergência que o estado vai publicar esta semana para facilitar tanto a contratação de profissionais quanto a compra de insumos — disse, durante coletiva de imprensa em Belo Horizonte. Antes, ainda no dia 5, o governo do Acre, por meio do decreto nº 11.396, também instaurou situação de emergência devido ao aumento das arboviroses e a superlotação das unidades de saúde. Segundo a Secretaria Estadual de Saúde (SES-AC), o atendimento diário tem sido de mais de 600 pessoas com síndromes febris cau-

sadas por dengue, zika e chikungunya no estado. — Foi uma ação planejada do governo, sob as orientações do governador Gláudio Cameli, a qual nos permite estratégias de ação de forma menos burocrática. Já temos conhecimento que a sazonalidade, ou seja, o período em que a dengue tem o maior aumento de casos, de outubro a abril, ficou atrelada pela questão das secas que tivemos — disse o titular da pasta, Pedro Pascoal, em coletiva.

REDE PRIVADA

Um exemplo do avanço da dengue pelo Brasil pode ser observado nos números da Rede D'Or. Hospitais da rede situados em cinco unidades federativas (UFs) — Rio de

Janeiro, São Paulo, Distrito Federal, Paraná e Sergipe — registraram um aumento de 307% no número de pacientes diagnosticados entre 1º e 20 de janeiro em relação ao mesmo período de 2023. Em São Paulo, a maior alta foi observada no pronto-socorro do São Luiz Anália Franco, na zona Leste, de 833%. No Rio de Janeiro, o aumento mais expressivo foi no pronto-atendimento do Hospital Rios D'Or, em Jacarepaguá, com 2.300% mais pacientes com a doença. Em Brasília, a maior alta foi verificada no pronto-atendimento do Hospital DF Star, com 173% mais casos de dengue. Ainda segundo o levantamento da Rede D'Or, houve aumento de 200%

nos diagnósticos de dengue no Hospital São Lucas, de Sergipe. No Hospital Santa Cruz, no Paraná, não havia sido registrado nenhum caso em janeiro de 2023, mas houve pacientes neste ano. "É um indicador preocupante, especialmente se for registrada a circulação de sorotipo 3, como tem sido visto em algumas cidades, o que aumenta o número de pessoas suscetíveis à doença. Isso não ocorria há 15 anos (a circulação do sorotipo 3). O risco de crescimento contínuo do número de casos nos próximos meses é real. As pessoas que já tiveram dengue no passado podem apresentar sintomas mais severos", alerta David Uip, diretor nacional de Infectologia da rede, em nota.

Escrever à mão causa estímulo cerebral mais intenso

Estudo mostrou que gestos envolvidos nas anotações no papel trazem conectividade maior na comparação com teclado digital

Escrever à mão pode parecer uma atividade de um passado distante para uma sociedade cada vez mais acostumada a organizar tarefas, fazer anotações e redigir textos em dispositivos digitais. Mesmo para gerações mais novas, computadores são gradativamente mais frequentes em salas de aula devido à rapidez dos teclados e a um mundo de informações num único lugar. No entanto, um novo estudo mostra

que substituir a caneta completamente pelas telas pode não ser uma boa ideia. Cientistas do Laboratório de Neurociência do Desenvolvimento da Universidade de Cingapura e Tecnologia da Noruega (NTNU) avaliaram 36 estudantes universitários com um eletroencefalograma — exame que analisa a atividade elétrica cerebral, captada por eletrodos no couro cabeludo. Eles foram acompanhados enquanto escreviam à mão e digitavam.

Os resultados, publicados ontem na revista científica *Frontiers in Psychology*, mostraram que escrever com uma caneta aumenta a conectividade cerebral em diferentes regiões do órgão, o que não foi observado com a digitação no teclado. "Mostramos que, ao escrever à mão, os padrões de conectividade cerebral são muito mais elaborados do que ao escrever num teclado. Essa conectividade cerebral generalizada é com-

da por ser crucial para a formação da memória e para a codificação de novas informações e, portanto, é benéfica para a aprendizagem", destaca a professora Audrey van der Meer, pesquisadora do cérebro na universidade e autora do estudo, em comunicado. No trabalho, os dispositivos digitais não foram completamente descartados. A avaliação foi feita com os participantes escrevendo à mão com canetas digitais

em tablets. Mas os responsáveis afirmam que os resultados provavelmente são os mesmos que seriam observados com um papel. Segundo os pesquisadores, esse menor estímulo cerebral associado à digitação pode levar a prejuízos no aprendizado de crianças alfabetizadas com as telas. "Isso também explica por que as crianças que aprenderam a escrever e ler em um tablet podem ter dificuldade em diferenciar letras

que são imagens espelhadas umas das outras, como 'b' e 'd'. Elas literalmente não sentiram com seus corpos como é produzir essas letras", diz a cientista.

Para ela, o objetivo não é abolir o uso de aparelhos digitais e restringir a educação a livros e cadernos. Mas sim entender os benefícios da escrita à mão e em quais momentos priorizá-la pode ser uma boa estratégia para o desenvolvimento dos alunos. "Há algumas evidências de que os alunos aprendem melhor e se lembram melhor quando fazem anotações de aula manuscritas, enquanto usar um computador com teclado pode ser mais prático ao escrever um texto longo".